



Tavares, em 1994, na sede do jornal *Folha de S.Paulo*

NA CONTRACORRENTE

Pensamento crítico e estilo combativo garantiram a Maria da Conceição Tavares influência duradoura na economia

Maria da Conceição Tavares, professora que formou gerações de economistas e influenciou o debate sobre a indústria e o desenvolvimento no Brasil, morreu na madrugada do dia 8 de junho em sua casa em Nova Friburgo (RJ). Ela estava com 94 anos e vivia recolhida com familiares há quase quatro anos, desde que um acidente doméstico e a fratura de uma perna a tiraram de combate.

Nascida em Anadia, Portugal, em 1930, dois anos antes da ascensão de Antonio de Oliveira Salazar (1889-1970) ao poder, Tavares se mudou para o Brasil em

1954, poucos meses após se licenciar na Faculdade de Ciências Matemáticas da Universidade de Lisboa. Seu pai era importador e exportador de vinhos e decidira se estabelecer no Brasil. Tavares veio junto, com o primeiro marido, o engenheiro Pedro José Serra Ribeiro Soares, e grávida da primeira filha, Laura.

Conseguiu o primeiro emprego em 1955, no antigo Instituto Nacional de Imigração e Colonização, onde trabalhou como estatística e ajudou a organizar dados sobre a propriedade da terra no Brasil. “O contato com a questão agrária foi decisivo para que ela decidisse cursar economia”, conta a economista Hildete

Pereira de Melo, da Universidade Federal Fluminense (UFF), que foi sua amiga.

Tavares ingressou em 1956 na Faculdade de Ciências Econômicas e Administração da Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Teve como professores economistas de formação liberal que haviam ocupado posições-chave no governo brasileiro, como Octavio Gouvêa de Bulhões (1906-1990) e Roberto Campos (1917-2001). Durante o curso, naturalizou-se brasileira e trabalhou por dois anos como analista do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico (BNDE, atual BNDES).

Em uma profissão dominada por homens desde sempre, Tavares se destacou cedo. Trabalhou como assistente de Bulhões na Universidade do Brasil, iniciando a carreira docente em 1961. No mesmo ano, foi contratada pelo centro de estudos que se tornara referência para o pensamento desenvolvimentista, a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (Cepal), da Organização das Nações Unidas (ONU). A Cepal mantinha um escritório no Rio de Janeiro, chefiado pelo chileno Aníbal Pinto (1919-1996), que Tavares considerava seu principal mentor intelectual.

A economista continuou no Brasil após o golpe de 1964 e chegou a dar aulas no curso de mestrado da FGV do Rio por sugestão de Bulhões, que dirigiu o Ministério da Fazenda no início da ditadura militar (1964-1985). Com o recrudescimento do regime, ela se transferiu para a sede da Cepal no Chile, trabalhando ali de 1968 até 1972.

O trabalho de maior repercussão desse período foi o artigo “Além da estagnação”, escrito em parceria com José Serra, que deixara o Brasil em 1964 e se formou em economia no Chile. Publicado em 1971, o ensaio refutou uma tese defendida pelo economista Celso Furtado (1920-2004) nos anos 1960 e propôs uma nova interpretação para o desempenho da economia brasileira nos anos de crescimento acelerado que ficaram conhecidos como o milagre econômico da ditadura.

Para Tavares e Serra, a oferta de crédito para compra de bens de consumo duráveis e outros estímulos adotados então tinham feito a economia crescer mesmo com a compressão dos salários dos trabalhadores menos qualificados. Como o economista Ricardo Bielschowsky, da UFRJ, observou numa apreciação da obra da colega em 2010, o artigo de 1971 expunha um lado perverso da política econômica dos militares: “Foi possível crescer concentrando a renda e, pior ainda, a concentração de renda alimentava um processo de crescimento acelerado”.

Pouco depois da publicação do artigo, Tavares escreveu uma carta a Furtado em que o chamava de mestre e pedia desculpas por tê-lo criticado, e recebeu dele uma resposta cordial. “Conceição era uma inteligência irrequieta”, relata o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, que trabalhou com ela na Universidade Es-

Ela não era ligada à tecnologia e escrevia à mão, mas se divertia com sua imagem popularizada na internet

tadual de Campinas (Unicamp). “Podia soar agressiva às vezes, mas questionava as ideias, não discutia com as pessoas.”

Para a economista Laura Carvalho, ex-aluna de Tavares na UFRJ e hoje professora da Faculdade de Economia, Administração, Contabilidade e Atuária da Universidade de São Paulo (FEA-USP), seus trabalhos abriram novas perspectivas para a compreensão do país: “Conceição nos forçou a olhar em conjunto questões como o crescimento, a distribuição de renda e a política, muitas vezes deixadas de lado por análises que se concentravam no desempenho dos indicadores macroeconômicos”.

Em 1973, de volta ao Brasil, Tavares reassumiu sua vaga na UFRJ e trabalhou na implantação do programa de pós-graduação em economia da Unicamp, inaugurado dois anos depois com uma proposta crítica ao pensamento ortodoxo dominante em outras escolas. Nessa época, a pesquisadora publicou *Da substituição de importações ao capitalismo financeiro* (Zahar Editores, 1972), reunindo os principais ensaios escritos quando estava na Cepal. Em 1979 ajudou a criar o primeiro centro de pós-graduação em economia da UFRJ, o Instituto de Economia Industrial, que coordenou por dois anos.

A economista chegou a ser presa pela ditadura em 1974 e foi solta logo depois devido à intervenção do então ministro da Fazenda, Mario Henrique Simonsen (1935-1997), seu antigo colega na FGV. Em 1975, meses depois da prisão, ela defendeu sua tese de doutorado e livre-docência na UFRJ, “Acumulação de

capital e industrialização no Brasil”, retomando os temas que vinha discutindo desde o início da carreira. Três anos mais tarde, após a aposentadoria de Bulhões, tornou-se professora titular com a tese “Ciclo e crise: O movimento recente da economia brasileira”.

Com a redemocratização do país, em 1986, quando Belluzzo e seus colegas da Unicamp estavam no governo de José Sarney (1985-1989), ela colaborou com os preparativos do Plano Cruzado. Era o primeiro de uma sequência de programas que tentavam conter a inflação. Tavares discordava das premissas teóricas do plano, mas chegou a chorar ao defendê-lo numa entrevista ao vivo na TV.

Em 1994, quando se filiou ao Partido dos Trabalhadores (PT) para disputar uma cadeira na Câmara dos Deputados, ela previu que o Plano Real seria outro fracasso e provocaria recessão e arrocho salarial. “O Plano Real foi bem-sucedido no processo de estabilização monetária, mas não na retomada do crescimento. A crítica de Conceição foi pertinente”, afirma a economista Glória Maria Moraes da Costa, da Faculdade Presbiteriana Mackenzie Rio.

Um dos formuladores do Plano Real, o economista Edmar Bacha, destacou, ao jornal *Valor Econômico*, as contribuições fundamentais de Tavares para a compreensão da economia brasileira. “Correntes pouco importam, o que importa é a qualidade da análise. E a da Conceição era excepcional.”

Tavares foi eleita deputada federal pelo Rio e exerceu apenas um mandato. “Como parlamentar, Conceição se posicionou de forma firme contra as privatizações e o desmonte do Estado, e escreveu artigos importantes a respeito”, lembra Costa.

Nos últimos anos, Tavares se popularizou na internet pela divulgação de vídeos com trechos de suas aulas em um curso que ministrou na Unicamp em 1992. Os vídeos originais, com a íntegra de 12 aulas, foram publicados em 2017 no canal do Instituto de Economia da universidade no YouTube. Em 2021, trechos curtos começaram a circular em outras redes sociais. “Conceição não era ligada à tecnologia e escrevia à mão, mas achava essa história engraçada”, diz Costa.

Tavares deixa os filhos, Laura e Bruno, além de dois netos e um bisneto. ■